

REVISITANDO RECORDAÇÕES DE UM ROMANCE: UM OLHAR BAKHTINIANO PARA O GÊNERO DISCURSIVO CARTAS DE AMOR ¹

Luciane Watthier ^{*}

Terezinha da Conceição Costa-Hübes ^{**}

RESUMO: *Iniciada em 2008 como parte de um projeto de Mestrado em Letras, nossa pesquisa, tem como objetivo realizar um estudo da linguagem dentro do gênero discursivo carta de amor. Partindo da ordem metodológica para estudos da língua proposta por Bakhtin (2004), o propósito reside em compreender suas características definidoras (conteúdo temático, construção composicional e estilo). Neste artigo, porém, nosso estudo está centrado, principalmente no conteúdo temático e no estilo do gênero enfocado. Para isso, analisamos uma carta de amor produzida no ano de 1953, destacando aspectos culturais e identitários nela revelados.*

PALAVRAS-CHAVE: *Cartas de Amor; Conteúdo temático; Estilo.*

ABSTRACT: *Started in 2008 as part of a Masters in Language project, our research aims to conduct a study of the language within the discursive genre of love letter. Starting with the methodological order for language studies proposed by Bakhtin (2004), the purpose is to understand its defining characteristics (thematic content, compositional construction and style). In this article, however, our study is focused mainly on thematic content and style of the studied genre. For this, we analyze a love letter produced in 1953, highlighting the identity and cultural aspects revealed on it.*

KEYWORDS: *Love letters, thematic content, style.*

INTRODUÇÃO

O interesse pelo estudo de cartas de amor surgiu ao encontrarmos vários desses textos guardados, com muito carinho, entre as coisas de nosso falecido tio, Armando. Já tínhamos conhecimento de alguns detalhes de sua vida pessoal e sabíamos, dessa forma, que entre seus 23 e 35 anos de idade, ele havia sido um homem “conquistador”, gostando de ver as mulheres implorando seu amor quando, na realidade, não tinha o interesse de manter um relacionamento sério.

Ao iniciarmos a leitura das cartas, percebemos que tais atitudes eram corriqueiras na vida de Armando, pois entre os textos encontrados, estavam os de quatro mulheres apaixonadas. Com o avançar das leituras, fomos percebendo que, além daquilo que nos havia sido contado, as cartas

¹ Este artigo é parte de um trabalho apresentado e publicado nos Anais do XIX CELLIP (Centro de Estudos Linguísticos e Literários do Paraná).

^{*} Mestranda. Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE - lu.letas@hotmail.com

^{**} Doutora. Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE -

revelavam ainda mais detalhes, não só em relação à identidade de Armando, mas, também, destas remetentes apaixonadas: Gerda, Neusa, Eny e Auria, bem como a aspectos culturais da época e do local em que foram escritas.

Começamos a perceber, então, que textos pertencentes a esse gênero discursivo (carta de amor) constituem-se como verdadeiros documentos, pois a linguagem neles utilizada são ricas em detalhes reveladores da cultura e da identidade dos interlocutores. A partir daí, esse estudo começou a ser encaminhado com o objetivo de refletirmos sobre a forma como isso acontecia e, também, sobre o porquê de a linguagem ter essa característica.

Se antes já sabíamos que a linguagem promove a interação entre os sujeitos, concretizada em enunciados, os quais, por sua vez, são organizados em diferentes gêneros discursivos, escolhidos a partir das diferentes situações comunicativas do cotidiano, queríamos uma compreensão ainda mais aprofundada desse processo, bem como das características próprias do gênero discursivo carta de amor.

Dessa forma, partindo da abordagem metodológica para o estudo da língua proposta por Bakhtin (2004), a qual sugere o estudo de gêneros discursivos a partir de seu conteúdo temático, estrutura composicional e estilo, nosso trabalho tem como objetivo geral realizar um estudo da linguagem dentro do gênero discursivo carta de amor, destacando aspectos reveladores da cultura da época em que esses textos foram produzidos e, também, da identidade das pessoas envolvidas nessa situação enunciativa.

Para este estudo, porém, discorreremos apenas sobre o conteúdo temático, devido ao pequeno espaço que é disponibilizado no gênero artigo científico. Nosso *corpus* é composto por uma carta de amor escrita na década de 50 do século passado a Armando.

Para uma melhor exposição do trabalho, este texto encontra-se estruturado da seguinte forma: na primeira seção discorreremos e refletimos, rapidamente, sobre os gêneros discursivos. Em segundo lugar, apresentamos o percurso metodológico de análise dos gêneros discursivos proposto por Bakhtin e por nós adotado para a realização deste estudo. Após isso, apresentamos a análise do corpus de pesquisa e, por fim, tecemos algumas considerações finais.

SOBRE OS GÊNEROS DISCURSIVOS

Como forma de iniciarmos nossa discussão sobre os gêneros discursivos a partir de Bakhtin (2000), é importante, primeiramente, retomar uma breve discussão sobre enunciado/enunciação, já que vemos uma valorização da linguagem e, assim, da interação verbal por parte de Bakhtin que, a todo momento, defende que é por meio da enunciação

que a língua torna-se uma realidade.

Dessa forma, durante seus estudos, o autor deixa claro que a linguagem não deve ser tratada apenas como forma, mas como um fenômeno social que torna possível as relações sociais. Em suas palavras.

a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 2004, p. 122).

Partindo dessa explanação, compreendemos que, para Bakhtin (2000, 2004), a interação verbal realiza-se através dos enunciados, os quais são definidos como unidades reais da comunicação verbal, um todo repleto de sentidos. Desse processo também faz parte a enunciação, concebida como o resultado da utilização dos enunciados concretos durante as interações verbais.

Nessa perspectiva, Bakhtin defende que sem língua não há interação e, sem interação, não há nenhum tipo de relação social, pois “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua”, a qual “efetua-se por meio de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana” (BAKHTIN, 2000, p. 279). Os enunciados ficam disponíveis na sociedade e são constituídos por esferas de utilização da língua, originando o que Bakhtin chama de “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2000, p. 279), característica dada aos gêneros do discurso.

Bakhtin (2000, 2004) considera que a interação verbal realiza-se não por meio de uma linguagem descontextualizada, mas por discursos, com todos os elementos lingüísticos e não lingüísticos (verbais e não-verbais), os quais organizam os gêneros que, materializados em textos (orais e escritos), estão presentes no nosso dia a dia. Justifica-se, então, o fato de tratar esses enunciados relativamente estáveis como *gêneros do discurso*, associando a noção de gênero à de discurso.

Para Perfeito e Ritter, esses modelos de enunciados foram e são formados com a finalidade de se evitar o caos comunicativo. Segundo a estudiosa, “no processo interativo, sócio-historicamente situado, a escolha dos recursos expressivos pelos sujeitos, na construção de um enunciado, se dá no rol de outros enunciados, determinados por suas esferas de comunicação” (PERFEITO & RITTER, 2009, p. 02). Trata-se do contexto de produção, definidor de cada uma de nossas formas de expressões, determinando, inclusive, o gênero discursivo capaz de organizá-las.

Cada esfera social possui modelos próprios de enunciados, que se diferenciam daqueles utilizados em outras, ou seja, cada domínio discursivo possui diferentes repertórios de gêneros. O mesmo acontece ao se tratar de épocas diferentes. Em outras palavras, o conjunto de gêneros discursivos de um grupo social é parte de sua cultura, podendo ser utilizado no processo de identificação do mesmo.

Os gêneros discursivos são, portanto, modelos de enunciados em particular, os quais circulam socialmente, tornando possível a existência da linguagem falada e escrita, uma vez que não haveria como produzir um novo enunciado a cada momento, sem qualquer referência para isso. Sendo assim, o enunciado, uma “unidade real da comunicação verbal” (BAKHTIN, 2000, p. 293), organiza-se de forma mais ou menos estável para constituir um repertório de gêneros que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa, já que as possibilidades de atividade humana, por meio do uso da língua, são inesgotáveis.

Daí a importância da interação verbal, que permeia todas as formas de agir, e dos gêneros discursivos, responsáveis pela organização dos enunciados por meio dos quais nos comunicamos. Ao afirmarmos isso, respaldamo-nos em Bakhtin, pois, para este autor, quando falamos “utilizamo-nos sempre dos gêneros do discurso, ou seja, todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo” (BAKHTIN, 2000, p. 301), o que significa dizer que todas nossas ações sociais são moldadas por um gênero.

Consequentemente, os gêneros discursivos também são em número infinito, não sendo possível nomear a todos. Marcuschi (2003) comenta sobre um grupo de linguistas alemães que chegou a listar em torno de quatro mil gêneros, exemplo de que dificilmente se chegará a uma classificação geral dos gêneros. Apenas como forma de exemplificação, citamos alguns exemplos: carta pessoal, familiar ou de amor, telefonema, artigo científico, artigo de opinião, piada, bula de remédio, receita culinária, cartão de aniversário, conversa entre amigos, aula expositiva, propaganda publicitária, reportagem jornalística, bilhete, entre inúmeros outros.

Sendo “relativamente estáveis” (BAKHTIN, 2000, p. 279), os gêneros textuais passam por certas transformações interiores como forma de serem adaptados às necessidades de interação verbal. Durante este processo, alguns gêneros desaparecem, dando lugar a novos modelos de enunciados. Trata-se da evolução dos gêneros discursivos, conforme os avanços históricos e tecnológicos de uma sociedade, porque os modelos de enunciados surgem em meio a necessidades e atividades sócio-culturais, refletindo todos os tipos de atividade humana. Conforme Baltar:

Com os avanços tecnológicos e a ampliação dos suportes textuais, os

eventos discursivos vão sofrendo contínuas modificações nas estruturas esquemáticas de base-gêneros relativamente estáveis de enunciados. Isso implica mudanças nos processos de textualização e provoca mudanças nas relações dos usuários de língua materna, que necessitam conhecer a diversidade dos gêneros existentes em seu meio para interagir nos eventos discursivos dentro dos ambientes específicos de uma sociedade (BALTAR, 2004, p. 44-45).

Sendo assim, quanto mais modelos conhecermos, mais possibilidades de escolhas teremos, respondendo as nossas necessidades comunicativas. Com a rápida evolução tecnológica da sociedade moderna, procura-se por gêneros que cumpram a mesma função de outros mais antigos, porém, que o façam de uma forma cada vez mais rápida.

A PROPOSTA DE BAKHTIN PARA ESTUDOS DA LÍNGUA

Ao trazer seus estudos para os gêneros discursivos, Bakhtin destaca três elementos principais que os constituem, a saber: “conteúdo temático, estilo e construção composicional” (BAKHTIN, 2000, p. 279). São elementos que devem ser considerados em estudos da língua e, assim, na análise dos gêneros discursivos, incorporando os valores da necessidade temática, a seleção dos recursos linguísticos, como lexicais, fraseológicos e gramaticais, os participantes e suas intenções/vontades no ato da interlocução.

Para possibilitar tal estudo, o teórico apresenta uma ordem metodológica de análise dos gêneros discursivos. Segundo o autor, o estudo da língua deve levar em consideração:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que se constituem os elementos, isto é, as categorias dos atos de fala na vida e na criação ideológica, que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual (BAKHTIN, 2004, p. 124).

Ao propor esta ordem metodológica, Bakhtin sugere que o primeiro ponto a ser analisado em um gênero discursivo seja o conteúdo temático, elemento que “se apresenta como a expressão de uma situação histórica imediata concreta” (BAKHTIN, 2004, p. 128). Nessa perspectiva, o conteúdo temático é determinado como o assunto sobre o qual se fala, vinculado à situação comunicativa em que foi criado, revelado, então, pela

formas linguísticas e pelos elementos não verbais da situação. Em outras palavras: estudar o conteúdo temático de um gênero significa extrapolar o que está dito no texto, relacionando a análise com o mundo real, localizando-a na história e definindo-a a partir de características culturais de uma época. O tema, portanto, é carregado de ideologias.

Daí justifica-se a importância dada por Bakhtin e seu círculo ao contexto de produção de um gênero discursivo. As formas linguísticas de um enunciado permitem apenas a significação do que está dito. O contexto de produção, por outro lado, determina as condições reais de uma enunciação, permite a compreensão da situação social em que aquele enunciado foi produzido, determinando o objetivo e a atitude responsiva ativa do interlocutor.

A partir do contexto de produção e, assim, do estudo do tema, temos a língua vinculada à vida. Nas palavras de Bakhtin,

ignorar a natureza do enunciado e as particularidades do gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua (BAKHTIN, 2000, p. 282).

O conteúdo temático aponta, assim, para conhecimentos de mundo da pessoa que elabora o enunciado, o que significa dizer que cada enunciado, mesmo semelhante a outros, será sempre individual. O conteúdo temático possui relação com a cultura de seu autor, pois essa auxiliará na escolha do tema que será desenvolvido, podendo ainda ser representada por meio da escrita.

Seguindo a ordem metodológica antes exposta, o segundo elemento a ser analisado em um gênero discursivo é a estrutura composicional, abordando então a construção de um texto, o que permite reconhecê-lo como pertencente a determinado gênero, devido ao “tipo relativamente estável de enunciado” (BAKHTIN, 2000, p. 279). Assim, cada gênero possui regularidades organizacionais responsáveis pelo seu reconhecimento. Segundo Lima-Lopes, “cada gênero carrega formas lexicais e sintáticas próprias, ligadas aos conteúdos informativos de cada um deles. Além da escolha interpessoal, comum, existe uma escolha conteudística, particular” (LIMA-LOPES, 1999, p. 384).

Em outras palavras, não podemos ver os gêneros discursivos por meio de formas estáticas, pois dependendo das intenções discursivas do usuário e de seu conhecimento de mundo, eles podem ser adaptados a cada situação comunicativa, acrescentando-lhes novas características, sem

desconsiderar aquelas já existentes e próprias do tema, do estilo e da composição desse gênero, visto que toda ação de linguagem sempre será constituída por um processo de inserção individual no social.

Ainda segundo a metodologia sugerida por Bakhtin, o terceiro e último ponto de análise de um gênero discursivo é o estilo. Para este autor, “o enunciado – oral e escrito, primário e secundário, em qualquer esfera de comunicação verbal – é individual, e por isso pode refletir a individualidade de quem fala (ou escreve)” (BAKHTIN, 2000, p. 283).

Trata-se, portanto, de um elemento que reflete a individualidade, a identidade de seu autor, sua visão de mundo e, sendo assim, está ligado à cultura do local e da época em que foi produzido, ao conteúdo temático. Nessa perspectiva, a língua, a cultura e a identidade são indissociáveis entre si, na medida em que, seguindo as concepções bakhtinianas, a primeira, sendo social, histórica e dinâmica, representa e constitui a realidade.

Podemos, então, imaginar uma ponte entre as definições de cultura e identidade. Cavalcanti afirma que é a cultura que nos forma: sem cultura não haveria identidade. Assim, toda e qualquer representação “está inserida primeiramente na língua(gem) e depois na cultura” (CAVALCANTI, 2001, p. 52). Ainda sob a mesma perspectiva, McLaren compreende que a formação da identidade se dá a partir das práticas sociais, pois está “sempre relacionadas às práticas sociais materiais de uma formação social mais ampla” (MCLAREN, 2000, p. 46).

Nesse sentido, criamos, contextualizamos e recontextualizamos nossas identidades a partir de co-padrões específicos de relações significativas e de seus usos. É devido a isso que nossas identidades, ao expressarem nossas individualidades, expressam o meio onde vivemos, pois a partir dele, elas são criadas.

ANÁLISE DE UMA CARTA DE AMOR ESCRITA EM 1950

Na perspectiva de transpor, para a prática, as reflexões teóricas efetivadas nas seções anteriores, nosso estudo volta-se, agora, para a análise do *corpus* de pesquisa, composto por uma carta de amor escrita em 09 de novembro de 1953, de Gerda para Armando, na tentativa de manter um relacionamento com essa pessoa, sem saber que o mesmo nunca se transformaria em um casamento, como era almejado por ela. Assim, revela-se um grande amor, entretanto, nem sempre correspondido e sincero por parte do pretendente.

Adotando a metodologia de análise proposta por Bakhtin e descrita neste texto, a presente seção foi subdividida em três partes: na primeira, com base em entrevistas realizadas com a família de Armando, apresentamos o contexto de produção das cartas de Gerda, descrevendo o conturbado

relacionamento entre o casal (baseando-nos, para isso, em todas as cartas desta pessoa que temos em mãos); na segunda, abordamos o conteúdo temático revelador da época em que a carta (que compõe nosso *corpus*) foi escrita; e na terceira, abordamos o estilo de Gerda.

A situação de interação discursiva do *corpus*

Armando e Gerda, ambos com idade entre 20 e 23 anos, conheceram-se em uma festa na então comunidade rural de Fundo Alegre, pertencente ao município Augusto Pestana - RS, antiga Serra do Cadeado que, segundo dados históricos, foi povoada, em 1901, por imigrantes alemães vindos da então Colônia Velha, uma região próxima a Augusto Pestana, no Estado do Rio Grande do Sul. Tanto Armando quanto Gerda eram de origem alemã.

Gerda era uma pessoa muito bem instruída, sábia, professora do primário na escola rural de Fundo Alegre, conhecida por animar suas aulas, tocando uma gaita enquanto seus alunos lhe acompanhavam cantando. Tal conhecimento revela uma facilidade em trabalhar com a linguagem, produzindo textos muito bem elaborados, como o trecho abaixo pode exemplificar:

Lentamente a noite desdobra seu escuro manto sobre a terra. A melancolia que o anoitecer traz consigo envolve a mim também, trazendo à minha mente mil loucas idéias. Não posso conter-me, preciso dar livre curso aos meus pensamentos, os quais, uma vez escritos enviarei a ti [...] (Carta escrita por Gerda em 09 de novembro de 1953).

Gerda era evangélica, filha de um pastor de Ijuí e acreditamos que tenha sido por esse motivo que o romance chegou ao fim, já que o pai de Armando não aceitava o fato de seu filho namorar uma jovem que não fosse católica. Entretanto, antes do rompimento dessa relação, observamos, na leitura das cartas, que os dois se desentendiam, porque, ao final do namoro com Gerda, Armando já possuía algum tipo de relação com Neusa, a segunda remetente das cartas de amor. Neusa e Gerda se conheciam porque moravam em duas comunidades rurais próximas uma da outra e, provavelmente, foi por esse motivo que as discussões se iniciaram, visto que Gerda revela saber do risco que correria, caso Armando fosse à casa de Neusa:

[...] A Neusa convidou-te para ires lá e tu talvez queiras far-lhe algumas explicações. Porém, peço-te Armando, que não vás à casa dela. Tenho

tanto medo de que eles te farão cair num ardil bem armado. Cuida-te desta gente! Amo-te demais e por isso não quero – não posso – perder-te por uma traição [...] (Carta escrita por Gerda em 30 de outubro de 1953).

Com essa carta, já chegamos a duas conclusões: Gerda era muito apaixonada por Armando, mas ele, embora também gostasse dela, não lhe era totalmente fiel, pois mantinha contato com Neusa, também apaixonada por ele. Sendo assim, Gerda revela o medo de perdê-lo e lhe implora para que não vá visitar Neusa. Prova da infidelidade de Armando pode ser obtida a partir da leitura do seguinte trecho de uma outra carta:

[...] Porém, o mais triste foi quando em certa hora surgiu a desconfiança. Nem imaginas que tormentos assaltaram meu coração! [...]. Estarás mesmo caçoando de mim? – Sei perfeitamente porque é que duvido das tuas palavras: tu mataste minha confiança no dia em que, - apesar de eu tanto te pedir que não o fizesse -, foste a casa da Neusa. Perdoame se volto a tocar no assunto, mas é preciso eu te diga tudo. E, se um dia eu souber que novamente procuraste a casa dela, ou dansaste um baile com ela, então me perdeste para sempre, pois saberei então que, tiveram fundamento as minhas duvidas [...] (Carta escrita por Gerda em 09 de novembro de 1953).

No trecho transcrito, Gerda declara seu amor, ao mesmo tempo em que demonstra estar muito magoada com seu amado, devido a suas atitudes infieis, pois, apesar de pedir-lhe que não fosse, ele teria visitado Neusa. As palavras da remetente são reveladoras de sua decepção, de seu sofrimento.

Fica evidente, então, a tristeza sentida por essa mulher, devido ao fato de estar distante de seu grande amor. Todavia, inferimos que Armando não carregava grande sentimento de amor por ela, porque, se assim o fosse, não teria agido de forma contrária ao pedido de que não fosse visitar Neusa. É por isso que, muito magoada, Gerda define-o da seguinte forma:

“[...] Vi em ti apenas um vil conquistador, alguém que tão somente tenta iludir o coração feminino, e ri-se quando o vê atirado, apaixonado aos seus pés [...]” (Carta escrita por Gerda em 09 de novembro de 1953).

Todo esse sofrimento foi fundado na visita de Armando à Neusa, revelando, que as duas se odiavam, talvez pelo fato de gostarem do mesmo homem. Assim, acreditando que nada tinha feito para que seu namoro fosse rompido, Gerda escreve a Armando, afirmando ser ele o causador desse sofrimento, por ter ido visitar Neusa:

Nunca pensei que fôsse tão mesquinho que desses ouvido aos infames linguarudos que lá vão contar-te asneiras. Mas muito menos esperei que fosses justamente tu à casa de Neusa inventar coisas que eu nunca disse. Quem seria, senão tu. Com nenhuma pessoa falei a respeito da menina. Cuida-te! Lembra-te o que me falaste na casa da tua tia. Posso um dia eu contar tudo à Neusa [...]. E, graças a Deus, da minha boca não saiu palavras que prejudicasse a honra da Neusa, a qual pelo menos perante os olhos sempre tem sido minha amiga (Carta escrita por Gerda em 27 de novembro de 1953).

A leitura desse trecho nos permite afirmar que Armando havia deixado de namorar Gerda e já estava com Neusa. Pouco tempo depois de terminar esse namoro, ele foi morar na cidade de Augusto Pestana, onde sua família comprou um terreno onde funcionava a rodoviária da cidade. Lá, vendia passagens e cuidava de um bar. Isso ocorreu em 1957, ano em que, acreditamos, tenha iniciado seu vício com as bebidas alcoólicas, o que o levou a morte, ainda solteiro, no ano de 1996.

Fizemos essa contextualização para a compreensão da carta a ser analisada, uma vez que não há como trabalhar os aspectos teóricos, anteriormente apresentados, em todas as cartas. Escolhemos, portanto, para fazer parte de nosso *corpus*, a segunda carta escrita por Gerda (09 de novembro de 1953), na qual, embora muito magoada, ela diz que ainda o ama e o quer.

Conteúdo temático: alguns índices sociais de valor do período de 1953

Ao falarmos de conteúdo temático, falamos da situação social em que um gênero discursivo foi produzido, o que engloba, entre outros aspectos, a cultura e a identidade dos interlocutores, motivo pelo qual não podemos separar essas concepções. Partimos, então, da compreensão de que as cartas de amor constituem-se em gêneros discursivos que permitem a recuperação de aspectos linguísticos, culturais e identitários das pessoas que as escreveram, representado sua visão de mundo. É nesse sentido que citamos Meurer, afirmando que, ao produzirmos um enunciado, “criamos representações que refletem, constroem e/ou desafiam nossos conhecimentos e crenças, e cooperam para o estabelecimento de relações sociais e identitárias” (MEURER, 2002, p. 28).

As identidades de um indivíduo possuem alicerces que lhes dão base, isto é, não foram criadas a partir da imaginação de cada uma dessas pessoas. Esse alicerce é a cultura do grupo social do qual faz parte e, assim, podemos recuperar algumas características culturais da época em que a carta de Gerda foi escrita: a década de 50 do século passado.

Pelo número de cartas que conseguimos recuperar durante a coleta de nosso *corpus* (seis apenas de Gerda), podemos inferir que a interação verbal via cartas sempre fez parte da cultura brasileira, porém, com o passar do tempo, seu uso foi sendo reduzido devido à evolução dos gêneros discursivos, conforme postulado por Marcuschi (2003) e Bazermann (2006), o que fez com que ela fosse sendo substituída por conversas ao telefone, fax, e-mail, *msn*, entre outros. Isso pode ser comprovado pelo fato de que, enquanto conseguimos duas ou mais correspondências de um mesmo remetente datadas das décadas de 1950, das décadas de 1960 e 1980 estas se reduziram a, apenas, uma de cada pessoa.

Dessa forma, em relação à cultura de 1950, observamos o difícil acesso ao telefone, principalmente às pessoas habitantes da Zona Rural, visto que naquela época essa tecnologia já havia sido criada, mas, mesmo assim, muitas pessoas ainda se comunicavam por meio do gênero discursivo carta.

Quando se tratava da interação verbal entre namorados, essa também se dava, em grande parte, por meio de cartas, visto que eles tinham pouca ou nenhuma privacidade para se encontrarem sozinhos, devido a uma crença de que a proximidade maior entre eles representaria um respeito menor, principalmente à honra da mulher. Por outro lado, hoje, essas conversas se dão, senão pessoalmente, por telefones, e-mails, *scraps*, entre outros. A carta de Gerda nos revela essa característica cultural porque sabemos que os dois moravam em comunidades próximas uma a outra e, mesmo assim, era por meio de cartas que falavam sobre assuntos particulares.

Entretanto, muitas vezes, para que essas cartas chegassem ao seu destino, não era necessário o serviço dos correios, pois, de uma forma mais rápida, outras pessoas ou o próprio remetente as entregavam aos destinatários. É o que Gerda revela ao escrever que José (um amigo de Armando) lhe entregou a carta e que, uma outra lhe foi entregue por Armando:

[...] Francamente Armando, eu ontem achei que tu não querias mais falar comigo, após me entregares a correspondência. Isto também verás da carta que ontem escrevi. Perguntei-te: É só isso que tens? E tu respondeste 'Sim' e viraste para falar com o Jaime [...] (Carta escrita por Gerda em 09 de novembro de 1953).

O trecho acima transcrito nos permite compreender que a carta de Gerda foi escrita quando o namoro do casal já não estava muito bem. Dessa forma, Gerda o faz na tentativa de que Armando lhe explique o motivo de suas atitudes com ela, bem como de sua visita a Neusa, o que complicou ainda mais o relacionamento entre os dois. Entretanto, pelo

fato de Gerda tanto amar a Armando, ao mesmo tempo em que o conteúdo de sua carta é composto por revelações de seu sofrimento, há muitas declarações de amor, demonstrando sentir saudades de seu amado e, também, estar preocupada com seu futuro, devido aos serviços agrícolas por ele realizados manualmente e ao seu desinteresse pelo estudo. O seguinte trecho comprova esses sentimentos:

Lentamente a noite desdobra seu escuro manto sobre a terra. A melancolia que o anoitecer traz consigo envolve a mim também, trazendo à minha mente mil loucas idéias. Não posso conter-me, preciso dar livre curso aos meus pensamentos, os quais, uma vez escritos enviarei a ti. Vivi o dia todo na ilusão de ainda estar envolta por teus braços. Atirei-me toda ao sonho de estar ainda ao teu lado como nessa madrugada. Mas tudo não passou de um sonho, de ilusão. [...] Porém, o mais triste foi quando em certa hora surgiu a desconfiança. Nem imaginas que tormentos assaltaram meu coração! [...]. Estarás mesmo caçoando de mim? – Sei perfeitamente porque é que duvido das tuas palavras: tu mataste minha confiança no dia em que, - apesar de eu tanto te pedir que não o fizesse -, foste a casa da Neusa. Perdoame se volto a tocar no assunto, mas é preciso eu te diga tudo. E, se um dia eu souber que novamente procuraste a casa dela, ou dansaste um baile com ela, então me perdeste para sempre, pois saberei então que, tiveram fundamento as minhas duvidas [...] (Cp. escrita por Gerda em 09 de novembro de 1953).

Considerando essas reflexões realizadas somente a partir da leitura da carta de Gerda, compreendemos que a linguagem reflete, e, também, constitui a realidade. Podemos, inclusive, citar Marcuschi:

a língua, seja na sua modalidade falada ou escrita, reflete, em boa medida, a organização da sociedade. Isso porque a própria língua mantém complexas relações com as representações e as formações sociais. Não se trata de um espelhamento, mas de uma funcionalidade em geral mais visível na fala (MARCUSCHI, 2004, p. 35).

Segundo esse teórico, portanto, é apenas por meio de práticas sociais realizadas pela linguagem que a realidade passa a existir. Ou seja, através da leitura dessa carta, recuperamos seu conteúdo temático, compreendendo parte da realidade da época. Ao fazer isso, tentamos traçar uma comparação entre aquela e a nossa cultura, definindo aqueles grupos culturais, uma vez que a cultura define um grupo social, demarcando seu estilo cultural.

Estilo

Utilizando as palavras de Brait (2008), o estilo traduz-se na

subjetividade do autor de um gênero discursivo, estando vinculado às identidades que lhe constituem, sua visão de mundo. Portanto, a partir da leitura da carta de amor de nosso *corpus*, podemos traçar alguns contrapontos entre as identidades dos remetentes e destinatários citados, construindo um processo de identificação, visto que é essa a nossa compreensão acerca da identidade.

Fazendo parte desse grupo social mais retraído, ou seja, que não permitia que namorados tivessem muita privacidade como forma de manter a honra da mulher, Gerda, em relação a seu estilo, se revela uma pessoa desconfiada, fechada ao diálogo, pois preferia confiar seus segredos a um papel. Costumava, dessa forma, não se importar com julgamentos alheios sobre si, preferindo desprezá-los a cair em discussões e sua resposta a esses era, portanto, apenas um sorriso irônico, como podemos observar em seus comentários sobre isso:

[...] despreza! Que o desprezo nessa vida vale mais que outras armas poderosas! Contra insídias sê sempre prevenida, desconfiando do valor das próprias rosas! E quando acaso alguém em meio das plumas, tente ferir-te a um mal formado juízo, com um punhal te defende, envôlto em plumas: - 'A ironia sutil do teu sorriso' [...] (Cp. escrita por Gerda em 09 de novembro de 1953).

Entretanto, o que mais nos impressiona em Gerda é essa capacidade de lidar com a linguagem, produzindo uma linguagem formal, rebuscada. Também reveladora de sua identidade. E é a beleza dessa linguagem que tanto nos prende a essas cartas e nos faz sentir um pouco da dor que essa mulher, tão apaixonada, sentia por perceber que era desprezada. Sabemos que ela era professora, apaixonada pela música e pela poesia e essa paixão é levada à sua carta ao revelar o mais verdadeiro dos seus sentimentos com uma linguagem poética capaz de, realmente, traduzir toda essa dor e, ao mesmo tempo, a paixão por Armando.

Assim, sua carta revela um estilo de escrita que demonstra planejamento linguístico, o qual impressiona a qualquer leitor devido ao fato de, assemelhando-se ao gênero discursivo poesia, revelar o mais profundo amor que uma mulher possa sentir, mas, também, a mais profunda mágoa ao ver-se desprezada pelo homem amado. São, portanto, palavras capazes de emocionar, ainda mais quando se conhece todo o contexto de produção escondido por trás das mesmas.

Quando falamos em planejamento, temos um texto bem pontuado e paragrafado e, além disso, demarcado pelo uso de conjunções que costuram suas partes, características essas facilmente observáveis na carta de Gerda:

[...] Procura sempre alimentar-te bem para que não percas as forças para enfrentar o duro trabalho quotidiano. *Da mesma forma* não

desistas de instruir-te, quando tiveres alguma folguinha. A instrução vale *mais que* as riquezas que possamos alcançar. Nada mais belo *do que* um espírito enobrecido pela instrução. *Quanto mais* estudarmos, *tanto maiores* novidades encontraremos e *tanto melhor* compreendemos a razão de muitas coisas. *Contudo*, guarda sempre alguns minutos para mim, quando me contarás as novidades que tiveres encontrado e tudo o que te comove [...] (Carta escrita por Gerda em 09 de novembro de 1963 – grifos nosso).

Os fragmentos acima destacados são os elementos que a remetente utiliza para amarrar as partes da carta, tornando-a mais organizada. Além disso, a conjugação e a concordância verbal, sempre na segunda pessoa do singular também são características que revelam um planejamento da linguagem, demonstrando uma relação pessoal entre remetente e destinatário, já que eram namorados, entretanto, respeitosa.

Além desses, outros aspectos que marcam esse estilo de Gerda é a não utilização de marcas da oralidade nessa carta. A única marca de oralidade apresentada pode ser observada no seguinte recorte: “[...] Já está ficando tarde. Preciso terminar esta *cartinha* [...]” (Carta escrita por Gerda em 09 de novembro de 1963).

Ao utilizar o léxico *cartinha*, Gerda demonstra uma aproximação de sua escrita com a oralidade, visto que o diminutivo, conforme Basílio (1991), é característica de situações em que utilizamos a linguagem coloquial.

É nesse sentido que, como já destacado por Lopes (1986), a linguagem carrega valores culturais e identitários de cada falante, refletindo seu estilo, sua forma de ser e de agir. Dessa forma, ela transforma-se, segundo Mello (1989), em um comportamento social, estando ligada à vida, à cultura e à história de um povo.

Só com base nessas leituras e na descrição do sofrimento dessa mulher, bem como do amor exagerado que ela nutria por seu amado, é possível apontar parte do estilo de Armando, buscando uma compreensão de sua subjetividade.

Além de uma pessoa desprovida de maiores sentimentos (não se prendia a nenhuma mulher), parecia ser machista e controlador da situação, sem deixar-se dominar por nenhuma mulher. Esse aspecto identitário transparece numa das cartas de Gerda:

“[...] Estive mesmo bastante abatida de que tu, apesar de pedires para falar contigo me trataste com frieza naqueles momentos. E sabendo que tu não gostas de falar comigo quando o ‘Gordo’ está aqui, eu me retirei. Sempre esperei que ainda uma vez saíesses da loja, afim de que pelo menos uma palavra eu pudesse dizer-te. Mas nada [...]” (Carta escrita por Gerda em 09 de novembro de 1953)

Armando parecia ter vergonha de expor suas relações sentimentais. Além de conquistador, iludia com cartinhas escritas, talvez, com menos frequência do que as recebia. Só o fato de mostrar-se um “homem difícil de ser conquistado”, provocava a paixão em muitas mulheres. Percebemos, ainda, que era festeiro, pois mesmo namorando, não deixava de sair e ir a bailes, onde dançava com outras mulheres, mesmo quando sua namorada estava em casa. Por tudo isso e pelo fato de trocar correspondências com Gerda e Neusa ao mesmo tempo, outro aspecto que define o estilo de Armando era ser desleal com suas namoradas.

Talvez fizesse isso pelo fato de ser uma pessoa segura, confiante em seus dotes físicos, revelados na elegância com que se vestia e na altivez de sua postura, achando que tais aspectos bastariam para torná-lo feliz. Chegamos, portanto, a duas conclusões a respeito da identidade de Armando: ele não queria manter um relacionamento sério ou, então não tinha a pretensão de um casamento, talvez por não acreditar nesse tipo de evento social.

Se é que um dia buscou a tão sonhada felicidade, ele o fez de forma errada, pois enquanto sabemos que Gerda está, hoje, casada, Armando já é falecido há treze anos, o que aconteceu depois de cair no vício da bebida e do cigarro e adquirir um câncer que lhe causou muita dor e sofrimento. Talvez ele tenha se arrependido de ter desprezado essa jovem amante, visto que as cartinhas, junto com algumas fotos, foram encontradas, após a sua morte, ainda muito bem conservadas, apesar de o tempo ter amarelado os papéis. Porém, provavelmente, muitos fatores impediram que ele pudesse voltar atrás e ser, novamente, feliz.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. [Trad. Maria E. Galvão e revisão por Marina Appenzeller]. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. [Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira]. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BALTAR, Marcos. *Competência discursiva e gêneros textuais: uma experiência com o jornal de sala de aula*. Caxias do Sul: EducS, 2004.

BASÍLIO, Margarida. *Teoria Lexical*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1991.

BAZERMAN, Charles. Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades: como os textos organizam atividades e pessoas. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; HOFFNAGEL, Judith Chambliss (org.). *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Traduzido por Judith C. Hoffnagel. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006, p. 19 - 46.

- BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, B. *Bakhtin: conceitos-chave*. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 61-78.
- BRONCKART, Jean Paul. *Atividades de linguagem, textos e discursos*. São Paulo: EDUC, 2003.
- CAVALCANTI, Marilda C. Considerações sobre alguns cenários sociolinguisticamente complexos no contexto brasileiro: o andamento do projeto “vozes na escola”. In: *Línguas & Letras*. Cascavel, Eduioeste, 2001, v.2, n.2, p. 43-66.
- LIMA-LOPES, Rodrigo Esteves de. Cartas comerciais em língua inglesa: uma abordagem lexical. In: *Intercâmbio*, vol.VIII, p.377-384. 1999.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, p. 19-36.
- MCLAREN, Peter. *Multiculturalismo crítico*. 3. ed. Tradução de Bebel Orofino Schaefer. São Paulo: Cortez, 2000.
- MELLO, Heloísa Augusta Brito de. *O falar bilíngüe*. Goiânia: Ed. Da UFG, 1999.
- MEURER, José Luiz. Uma dimensão crítica do estudo de gêneros textuais. In: _____; MOTTA-ROTH, Désirée (Orgs). *Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem*. São Paulo: Edusc, 2002, p. 17-29.
- PERFEITO, Alba Maria; RITTER, Lílian Cristiana Buzato. *O editorial: uma proposta de análise linguística contextualizada*. UEL/ UEM: 2009 (no prelo).